

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR  
3 e 23 de agosto de 2023

# UNCONQUERED / 1947

*(Inconquistáveis)*

um filme de Cecil B. DeMille

**Realização:** Cecil B. DeMille / **Argumento:** Charles Bennett, Fredric M. Frank e Jesse Lasky Jr. baseado num conto de Neil H. Swanson / **Fotografia:** Ray Rennahan / **Efeitos Especiais:** Gordon Jennings e Paul K. Lerpae / **Efeitos Especiais Fotográficos:** Devereux Jennings e Farciot Edouart / **Conselheiro para a cor:** Natalie Kalmus / **Direção Artística:** Hans Dreier e Walter Tyler / **Decors:** Sam Comer e Stanley Jay Sawley / **Guarda-Roupa:** Gwen Wakeling e Barbara Karinska / **Música:** Victor Young / **Coreografia:** Jack Crosby / **Montagem:** Anne Bauchens / **Interpretação:** Gary Cooper (Capitão Christopher Holden), Paulette Goddard (Abby Hale), Howard Da Silva (Martin Garth), Boris Karloff (Guyasuta, Chefe dos "Senecas"), Cecil Kellaway (Jeremy Love), Ward Bond (John Fraser), Katherine DeMille (Hannah), Henry Wilcoxon (Capitão Sterle), Sir C. Aubrey Smith (Presidente do Tribunal Inglês), Victor Varconi (Capitão Ecuyer), Virginia Grey (Diana), Poster Hall (Leach), Mike Mazurki (Dave Done), Richard Gaines (Coronel George Washington), Virginia Campbell (Mrs. John Fraser), Gavin Muir (Tenente McKenzie), Alan Napier (Sir William Johnson), etc.

**Produção:** Cecil B. DeMille para a Paramoont / **Distribuição:** Paramount / **Cópia:** 35mm, Technicolor, legendada eletronicamente em português, 146 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 24 de Setembro de 1947 / **Estreia em Portugal:** Cinema Éden, a 15 de Outubro de 1948.

*A sessão de dia 23 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

---

**Unconquered** é o último dos 12 westerns realizados por Cecil B. DeMille. É também o último dos quatro filmes em que dirigiu Gary Cooper e o último dos três filmes com Paulette Goddard.

Para quem começou a carreira com **The Squaw Man** (1914) e afirmou que sempre que estivesse em apuros, tirava outro **Squaw Man** do bolso (na realidade, só o fez três vezes) a percentagem de westerns não é muito elevada. 12 filmes num total de 73 é pouca coisa. E, no entanto, DeMille persiste permanentemente associado ao género. A sua reputação nele apenas é batido pela fama (e proveitos) que lhe deram os filmes ditos bíblicos que, no computo geral, são ainda menos: 8 no total, e incluindo neste número obras tão pouco bíblicas como **Cleopatra** ou **The Crusades**.

Para esta injusta fama – ou para esta desproporcionada fama, conforme os pontos de vista – muito contribuiu a fase final da sua obra (a fase sonora), afinal de contas a única há cinquenta anos visível. Nela é que efectivamente a parte dos "westerns" e a parte de "filmes históricos" é relevante: cinco "westerns" para dezoito filmes (sendo que **Dynamite** e **The Buccaneer** podem ser aparentados) e igual número de filmes históricos (com **The Buccaneer** também a cruzar-se). E para a lenda do "sangue, sexo e Bíblia" ajudou poderosamente o facto de a primeira versão de **Ten Commandments** (1923) e **The King of Kings** (1927) serem os únicos dos seus 55 filmes mudos a serem regularmente revistos.

Se puxo agora esta conversa é para vos avisar que qualquer balanço a tentar é prematuro e enganador. As famílias a estabelecer – em DeMille – tem pouco que ver com géneros, a cujos códigos DeMille, nascido antes deles, foi sempre relativamente alheio. A guerra dele, seja em alcovas e casas

de banho dos "twenties", seja na pré-história, ou seja na história, foi sempre e acima de tudo guerra de sexos. **Unconquered** não me deixa mentir. Por mais distraído que Gary Cooper pareça – ou não fosse ele Gary Cooper – o que o leva a meter-se na guerra ao lado dos "inconquistáveis" chama-se Paulette Goddard. Antes dela, não tinha nada que ver com aquela história. Depois dela, pressente-se que também não. "East or west, Abby?" é a sua pergunta final.

Evidentemente, Gary Cooper não apareceu na obra de DeMille por acaso e não é por acaso que é através dele que se insinua a permanente fissura nas convenções do género. No Hollywood dos 30 não havia outro actor – ou outro mito – capaz de fazer um tão singular "raccord" com os heróis demilleanos do passado, Dustin Farnum, Robert Edeson, House Peters, Thomas Meighan, Elliott Dexter, Wallace Reid, Conrad Nagel, etc. É a "folha em branco" onde tudo pode ser escrito e, ao mesmo tempo, o corpo de homem e cuja mera visão qualquer mulher digna desse nome estremece de alto a abaixo e sobretudo em baixo. Todas lhe dizem o "What a Man" que Barbara Stanwyck – mais impulsiva – não se coíbe de dizer à visão de Joel McCrea, único "alter ego" possível de Cooper nos "thirties" e que só não foi protagonista de **Union Pacific** porque Gary Cooper andava por esse ano a fazer de **Beau Geste**. Cooper, nos filmes de DeMille, é, em homem, o que Marilyn foi, como mulher, nos "fifties": alguém com sexo tão visível que podia sempre parecer esquecido dele. Em **The Plainsman** só depois de morto não limpa a boca beijada por Jean Arthur. Amarga vitória que esta não deixa de amargamente celebrar.

Mas pense-se em **Unconquered**. Quem seria o actor que os códigos deixariam estar presente no banho de Paulette Goddard, vendo tudo "do alto da sua altura" e ajudando à festa? Só mesmo Gary Cooper que, apesar de tão activa participação, no último "grande banho" da obra de DeMille, se passeia por lá como se a nudez de Paulette Goddard fosse a de uma recém-nascida. E que outro actor podia dormir uma noite numa cabana com a mesma Paulette Goddard, com os olhos dela a brilhar tanto (tanto como os de Vivien Leigh depois da noite do **Gone**) e os dele tão singularmente alheios?

Mas para o mito Cooper há, neste filme, ainda melhor e é porventura a mais antologica sequência do actor. Refiro-me à sua entrada no filme (em todos os filmes de DeMille – Cooper, o actor leva sempre bastante tempo a aparecer) em "voz off" quando acrescenta os "six pence" à oferta de Howard Da Silva, no leilão da escrava. Dez anos depois, Raoul Walsh utilizou um efeito semelhante em **Band of Angels** com Clark Gable. Nesse filme era Yvonne De Carlo a leiloada. As ofertas iam subindo, até que se ouvia, cobrindo a parada, o vozeirão do "King". Antes que a câmara o mostrasse, já sabíamos que ele chegara, pois só ele podia comandar assim, em poder de compra e poder de sedução. Era o mito, já não era o actor.

Walsh viu, com certeza, **Unconquered** e "traduziu". Só que em **Unconquered** a voz off de Cooper não revela poder mas aparente distração. Como depois lhe nota Paulette Goddard ele nem sequer olhou para ela. De cada vez que diz "And six pence" parece alheado do objecto da venda, sem saber ao certo se é uma peça de mobília, uma galinha ou uma mulher. É esse alheamento – como em Clark Gable a intensidade – que fez o mito. Clark Gable leva Yvonne De Carlo para casa. Gary Cooper logo liberta Paulette Goddard. Só o "super Cooper" podia dar negas dessas. O efeito erótico é efeito irónico, como mais tarde sucedeu com Marilyn.

Seja como for, e voltando à guerra dos sexos, não é estulto que este filme comece com Paulette Goddard. Tudo vai começar por causa dela, até a viagem aos Estados Unidos. E como nunca ninguém ouviu dizer que Jorge III, ou qualquer outro Rei de Inglaterra, pudesse comutar penas de morte em penas de escravidão para a América, pressentimos que até C. Aubrey Smith (o juiz) fez alguma batota naquele estranho indulto, movido pelo "sex-appeal" da ré.

E estamos em pleno reino de DeMille, ou seja num "western" fiel à regra de **The Squaw Man**, começado em Inglaterra, com crimes a expiar além Atlântico. Além disso, como em todos os "westerns" de DeMille, começamos nos começos. Ou no Século XVIII (como aqui) ainda antes da Independência, ou do lado de lá da fronteira (**Northwest Mounted Police**) ou logo a seguir à

morte de Lincoln (**The Plainsman, Union Pacific**). Oeste antes do Oeste, ou Oeste para Oeste, a norte ou leste dele. Desorientações que permitem todas as orientações. "End of the known, begin of the unknown", como outra voz "off" (a de DeMille) nos diz no início de **Unconquered**.

E o "unknown" vai começar na prodigiosa sequência da "state fair", depois de nos ser explicado, entre fuminhos amarelos, a razão que determina a aparente misoginia de Cooper. E se todo o romance com Diane – nas águas calmas e escuras que Paulette Goddard vê em "plongée" – fora um romance sem carne, é a carne de Paulette Goddard que emerge nessa festa em mais uma sequência SM da obra de DeMille com as chicotadas nas costas nuas dela. Simultaneamente, revela-se-nos outra relação nocturna, no triângulo entre Howard Da Silva, a índia e a escrava. Os Índios são apenas a caução coral de luta de Gary Cooper contra o branco traidor (repare-se na onnipresença em todos os westerns de DeMille, do vendedor de armas como eterno vilão).

E o festim de carne continua com o banho e depois com a genial paramentação de Paulette Goddard ("the bird improve the feathers") no fabuloso vestido verde da festa. As conotações sucedem-se (o fulgurante plano na noite de Paulette Goddard e Gary Cooper, o canhão com que esta brinca) até que o homem que ela acusa de não ter sangue nas veias mas pólvora, começa a descobrir que é atraído pelo mesmo mel que atraía o rival. E, após as peripécias do baile, e a fuga do par, o corpo de Goddard funde com as cataratas como se só nas águas convulsas Gary Cooper pudesse recuperar o que perdera nas águas paradas.

Em DeMille tudo é muito menos gratuito do que se pode pensar. A prodigiosa sequência dos rápidos rima com essa breve sequência inicial, transformando em turbilhão tudo quanto até aí parecia seccionado. Imparável no ritmo, o filme ascende à grande circunvalação final, iniciadas, após a sequência da cabana, nessa prodigiosa elipse da morte de Ward Bond e da mulher que anuncia Ford e **The Searchers** (nem faltam a boneca e o cão).

Ordena-se o festim das mortes e a mais esplendorosa orgia de imagens da obra de DeMille, iniciada na primeira chacina e culminando no cerco ao Forte com as explosões e os anéis de fogo e por fim na genial cavalgada dos mortos, entre os abutres e os sons do regimento. Nunca, como nessa marcha dos lanceiros, os corpos foram tão literalmente décor, como se só a cor de sangue deles (o encarnado das fardas) figurasse como sinal da mancha vitoriosa que já são. Contra a realidade triunfa a aparência, contra a perspectiva o "trompe l'oeil", contra os corpos a cor.

O que se passa na cidade sitiada é pura ópera (operáticos e melodramáticos comportamentos de Garth, da mulher ou de Paulette Goddard). Mas quem avança, submergindo esse fundo, é a forma plástica total, até que os dois mundos se fundem num dos finais mais paroxísticos de DeMille.

Como nas grandes fugas barrocas, o tema só se perde para ser melhor agarrado. E para ser desenvolvido, até aos limites do inconcebível, na caudalosa afirmação da supremacia do todo sobre as partes e da forma sobre o fundo.

Em DeMille, como em todos os grandes barrocos, a arte é o meio específico da celebração alegórica. Ou seja, toda a composição é movimento e toda a narração decoração.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico